

# PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

## O risco da coalizão

• Há uma nova coalizão contra o Plano Real. Dela fazem parte os governadores que estouraram suas contas contribuindo para minar o principal pilar de qualquer plano de estabilização, que é a austeridade fiscal. Dela fazem parte políticos como o ex-presidente José Sarney que diz que apóia o plano, mas critica tudo o que o sustenta. E empresários que pressionam por medidas protecionistas. O comportamento do Governo só fortalece a coalizão.

A coalizão forma-se a partir da idéia, equivocada, de que a estabilização está garantida e, politicamente, "já deu o que tinha que dar". É evidente que a política econômica merece críticas, principalmente a fiscal. Mas quando se pede que o câmbio seja reajustado; que sejam criadas barreiras às importações porque estaria havendo uma desindustrialização da economia; ou quando se exige — como fizeram os tucanos paulistas — que os juros sejam reduzidos para atender ao calendário eleitoral, o que está sendo reivindicado é a volta da inflação. Empresários paulistas, quando lançam o aparentemente inofensivo movimento "Made in Brazil", quem o fim da competição, que tem sido a mais eficiente arma contra os preços altos. Se os condutores da política econômica atenderem a estes pleitos

panha não são, felizmente, formadores de opinião.

Reconhecer que há uma ameaça à estabilidade não deve ser confundido com apoio ao Governo. Pelo contrário, o próprio Governo toma atitudes que só fortalecem a coalizão inflacionária, como a decisão de renegociar a dívida dos grandes devedores rurais. Para aprovar uma reforma da Previdência capenga, que vai reduzir os gastos em R\$ 1 bilhão por ano, o CMN passou para o Tesouro o risco bancário de R\$ 5 bilhões em papagaios dos mais conhecidos caloteiros do país, que são os latifundiários.

Outro caso assustador é o do deputado Sérgio Naya. O Banco do Brasil garante que a suspensão da execução da dívida não foi barganha política. Ótimo. Mas, então, o que levou o Banco do Brasil a deixar de

estarão certamente convocando inflação. Não há estabilização que agüente orgia de gastos públicos, fechamento da economia, desvalorização da moeda e redução dos juros por razões políticas.

O problema é que hoje o principal risco ao Plano Real vem transvestido de apoio. O ex-presidente José Sarney, com sua experiência em insucessos, disse à "Veja" que defenderá o real contra ataques externos. Mas pelo que disse em seguida, incentiva o ataque interno. Segundo Sarney o plano estaria provocando "desindustrialização do país, desnacionalização das empresas, supressão dos empregos e perda de capacidade de decisão do Governo". Se ele realmente acredita que tudo isto está acontecendo, precisa explicar melhor por que está defendendo tal plano.

Num debate recente, o ex-governador Ciro Gomes disse que o câmbio deveria ser corrigido em 14% ao ano. Diante da pergunta sobre se era possível fazer isto mantendo a inflação sob controle, Ciro, que já foi ministro, admitiu que não. Mas resistirá ele a esta bandeira de campanha, que tanto agrada aos exportadores?

Alguns economistas têm proposto a desvalorização, sabendo exatamente que estão pedindo a volta da inflação. Se não faltarem exemplos históricos basta acompanhar o que está acontecendo na Ásia, com a alta descontrolada dos preços. O ex-ministro Delfim Netto é o único economista relevante a pedir isto. Os outros que se engajaram nesta cam-

costrar judicialmente uma dívida, em atraso, de um empreiteiro que tem bens suficientes para quitar o débito? Se não é barganha política, é desrespeito às boas normas bancárias. Isto é exemplo claro de ataque ao real. Fez parte da profilaxia do país, para se curar do mal inflacionário, a limpeza de um passivo de R\$ 8 bilhões no Banco do Brasil, que foi formado exatamente com decisões como esta do Naya. A propaganda oficial dizia que aquela era a "hora da verdade". A promessa era que mentiras bancárias não existiriam mais. E, pelo visto, elas voltaram.

Estas atitudes do Governo, somadas à falta de rigor fiscal, reduzem as defesas do real e aumentam os riscos do plano de estabilização. O real tem sido uma obra coletiva de uma população exausta da desordem inflacionária. Cada cidadão fez um pouco. Foram milhões de pequenas decisões cotidianas de repúdio à velha ordem. Atos aparentemente sem importância como a busca do menor preço, o boicote ao produto caro, a reação contra abusos das escolas, dos planos de saúde, dos aluguéis e das multas exageradas, a troca da indexação dos salários por outras formas de reajustes, a redução de custos nas empresas. Cada não à memória inflacionária explica o sucesso do plano. Apoiar este esforço coletivo não tem nada a ver com apoiar o Governo. Num momento como este, em que os interesses políticos e o descuido fiscal estão roendo os fundamentos da estabilidade, pode até ser o oposto.